

José Cardoso Pires: «Begin procura dividir o mundo árabe»

Convidado a assistir ao simpósio comemorativo da morte do leader socialista Kamal Joumblatt, que reuniu delegados e intelectuais de vários países, José Cardoso Pires encontrava-se em Beirute quando as tropas de Israel invadiram o Líbano.

Disse-nos:

— “O simpósio foi organizado pelas várias forças democráticas libanesas, à cabeça das quais está o partido socialista, maioritário no país. Durante três dias estivemos fechados no hotel onde decorria a reunião, enquanto chovia ininterruptamente. Quando parou de chover, começou a invasão. Militarmente, para aquele tipo de guerra e a precisão dos objectivos, a chuva era um inconveniente. Além da invasão do sul do Líbano, as forças navais israelitas bombardearam a cidade de Tiro e campos de refugiados palestinianos. Fundamentalmente foram atingidas zonas de gente pobre. Os montes de cadáveres ofereciam um aspecto impressionante.”

— **Portanto, os objectivos dos israelitas não seriam alvos militares ou, digamos políticos...**

— “Como sabe, o exército israelita é um dos mais bem equipados e sofisticados do mundo, e os seus soldados são impecavelmente treinados. Eles sabiam perfeitamente que não iam atacar alvos militares. Primeiro, porque o tipo de guerra levada a cabo pelos palestinianos, pela OLP (Organização de Libertação da Palestina), não é uma guerra convencional, não se podendo encontrar os campos militares utilizados classicamente. Depois, porque eles mesmo afirmaram tratar-se de uma retaliação, de uma operação punitiva. Eles iam atacar os campos onde estavam instalados os palestinianos, isto é, civis palestinianos, dentre os quais uma grande parte seriam guerrilheiros. Não se sabe

quando se tratam de guerrilheiros. Vi desde jovens com 16 e 17 anos com metralhadoras e cintos com granadas de mão, até camponesas de 50 anos, quase descalças, com uma metralhadora a tiracolo. Isto dá a ideia da mobilização popular.

Durante a tarde do primeiro dia os israelitas bombardearam objectivos que ficavam a cerca de 5 quilómetros do hotel onde estava instalado. Numa larga zona tudo foi destruído. E não se tratava de nenhum campo palestiniano! Por outro lado, um campo de refugiados palestinianos existente perto do aeroporto — Sabra — não foi atingido, ao que julgo por razões de política internacional.

— **Quais as reacções dos palestinianos?**

— Uma coisa me impressionou: a serenidade com que os palestinianos, os homens da OLP, faziam a guerra. Não vi ódio nem racismo. Os palestinianos foram atirados para uma situação irreversível. Sabem que através deles, e é por isso que o Líbano e outros países os defendem e protegem no seu seio, pretende-se fragmentar e destruir os outros países.

Os palestinianos sabem que foram as vítimas eleitas. Eu apercebi-me da situação de fatalidade para a qual foi atirado aquele povo: ou morre, ou encontra uma pátria. E isso só se resolve com a devolução dos territórios ocupados por Israel.

Os próprios talangistas libaneses não tiveram reacção imediata no caso da invasão. Mesmo se se é fascista, é muito difícil apoiar um exército invasor. Não é fácil dizer: “ainda bem que nos invadem o território e nos levam uma fatia”. Pensou-se foi que os falangistas aproveitassem o momento para retomar a guerra civil. Mas ficariam mais isolados se o fizessem. A própria imprensa direita do Líbano teve uma atitude muito cautelosa perante os acontecimentos.

— **Em sua opinião quais as perspectivas de evolução do conflito?**

— Sabe-se que na já clássica tática dos israelitas, estes ocupam terreno, e para depois saírem de lá é um problema. Neste momento, o sul do Líbano está guardado pelos capacetes azuis (tropas das Nações Unidas). Os israelitas dizem que vão sair, como sempre disseram, mas depois vão-se mudando e ocupando.

A intenção de Israel é neutralizar as forças palestinianas. Essa neutralização pode ser feita de muitas maneiras. Uma delas é a ocupação. Podem mesmo neutralizar à custa das forças das Nações Unidas e criar focos de litígio. É patente que desde que as Nações Unidas proclamaram ser o sionismo uma forma de racismo e de discriminação racial (numa resolução que Portugal votou favoravelmente), Israel tem fugido ao cumprimento das resoluções adoptadas naquela organização.

A primeira intenção dos israelitas é pulverizar os palestinianos em colónias e transformá-los em minorias. Também pretendem fomentar o divisionismo entre os árabes, onde já existem alguns obstáculos à unidade (religiosos, étnicos, interesses económicos, etc.).

Israel é um país poderosamente apoiado economicamente e onde existe uma unidade que, perigosamente, se está a transformar em racismo, por razões de exploração sentimental. Possui uma sofisticada máquina de guerra, e o mais perfeito serviço de espionagem mundial, ao que se diz. Para além disso, tem o apoio fortíssimo do imperialismo norte-americano, e o apoio de grandes máquinas mundiais de imprensa e de opinião pública.

Trata-se, realmente, de uma luta desigual. Fundamentalmente tudo se deveria resolver pelos acordos, pela negociação, pela paz. Mas Israel vem tomando atitudes cada vez



mais agressivas. Está neste momento isolada da opinião pública.

— **Num artigo do semanário “O Jornal” referiam-se os actuais desentendimentos entre os dirigentes americanos e israelitas. Qual o significado?**

— A situação internacional está agora um pouco diferente. Aos Estados Unidos convém estabelecer ali um ponto de tensão de segurança. Não propriamente obter a paz. Dentro dos Estados Unidos existem opiniões antagónicas a este respeito. Nesta ofensiva israelita, os próprios americanos, que deveriam estar ao corrente do que se iria passar, foram tratados como figura secundária, e o seu prestígio foi abalado internacionalmente. Israel vai começar a sentir as consequências de uma política arrogante, belicista e de ocupação.

— **Quais as verdadeiras intenções dos israelitas?**

— Begin procura dividir o mundo árabe. Já teve uma pequena vitória que, no entanto, irá transformar-se numa derrota, ao que penso. Refiro-me a Sadat. O Egipto perdeu a guerra contra Israel. E Sadat perdeu a paz. Parece-me que um dos maiores perigos para um país não é perder uma guerra, mas sim perder uma paz. Sadat está numa posição de “junior partner” (sócio menor), como dizem os ingleses, sem autoridade e sem prestígio. Os israelitas não tiveram a menor contemplação para com ele e para com os seus esforços de paz.

Um país tão pequeno como Israel, transformou-se numa força de agressão mundial, poderosamente cotada. Isso para criar uma válvula de segurança e provocar isolacionismos parcelares dentro do estado árabe. Comecem agora a notar-se os dividendos dessa cruzada sionista, e eles vão ser negativos para o chamado mundo ocidental.